

EXÚ E A DAMA DE BARÁ

O mundo está nas mãos de Exú. O senhor do movimento e o mensageiro, encarregado de levar o ebó¹ e o anunciador ao panteão. Em sua voz e corpo emana a paixão, a sexualidade e astúcia da comunicação. A ele foi concedido, por Oxalá, a encruzilhada, território dá criação dos diferentes caminhos. Assim, Exú se impõe, nos olha a ponto de extrair o nosso âmago, mas apenas se apresenta, tal como um orador, em uma distensão corpórea feita a carvão, cede passagem a sua dama, pois é dela o mundo do qual se revela.

A Dama de Bará se expõe delicadamente. Pombogira, mulher firme e com a mesma função de Exú, ligada a comunicação e sexualidade. Reside na encruzilhada e na rua. Algo que aliás, ela subverte, já que é um lugar social não esperado por uma mulher, rompendo, assim, com paradigmas. A dama de vermelho e negro se impõe a nós, como o mistério da noite nos traz, mostrando a meia face de seu rosto, e com um olhar penetrante, que parece conhecer a nossa alma. Bará se expressa em um pictorialismo econômico, que cria relações com o meio, ou seja, na fatura da pintura, entre a tinta óleo, pincel e no linho preparado. A tinta óleo corre na superfície, de forma firme e com uma vivacidade nos tons de vermelho e preto. Ao mesmo tempo que as vestes que a cobre é expressada de forma suave e suntuosa. Essa mulher de gesto simples, porém muito forte expõe o seu mundo e a sua relação com outras forças, operadas na intensidade e na calma das águas salgadas, o poder do vermelho e dos raios, no vigor do ìgbín² e do branco, lugar da sabedoria.

Esse mundo, também apresentado por Bará, é uma espécie de lugar insólito, de incerteza e de mistério. É como se fosse um estado primeiro, algo que precedesse a existência. O mundo apresentado por Bará é formado por montanhas e rochedos, e entrecortados por névoas e nuvens, que é marcado por diferentes gradações de branco, cinza e azul. Já em outros momentos, o céu é marcado por raio e com uma forte carga de vermelho. Que é presentificado por dessa mulher, que entre a solidão e poder instauram anseios e um pertencimento, justamente pelo jogo de luz e de cores quentes e frias, que juntas não só “uniformizam a cena”³, mas marca um novo mundo.

¹ Ebó é uma oferenda complexa e difícil de especificar, principalmente pela racionalidade ocidental. Ebó tem muitas finalidades, uma delas é o caráter da limpeza e da oferta aos orixás. As oferendas poder ser dedicadas a muitos deuses yorubaianos, como o banho de ervas, um ebó dedicado por Ossain. Contudo, Exú é orixá comunicador e responsável em transportar a energia, o axé.

² Na filosofia yorubaiana ìgbín é o caracol, que representa Osálá. Ser que expõe a sabedoria pela paciência, e que o tempo que organiza e instaura a paz.

³ Gombrich, E. H. A História da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2009, p. 332.

A exposição *Pombogira*, de Gustavo Nazareno é a força do mistério e a oferenda a nossa dama. Pois Nazareno oferta uma série de pinturas que nascem da própria pintura, sem um estudo prévio, tal como a escola veneziana, que liberou o pictórico da forma para o gesto, diretamente operado na cor e luz. E série para a dama de Bará é também uma pintura marca uma paisagem de diferentes gradações de cores e formas, que borram a fronteira da figura, fundo e detalhamento das vestes. Que já no carvão se traçam coreografias de corpos, que exercem torções e distensão, que parecem querer romper os limites postos pelo suporte. Deste modo, a exposição é o mistério da fé, a encruzilhada que gera a diversidade e novo. E por essa razão, que Exú Lonã apenas acena nessa narrativa, porque é a Dama de Bará, vestida de *vermelho e negro*⁴ que sopra a mensagem e canta a linguagem pictórica e a anatomia dos novos seres para seu filho Gustavo Nazareno.

⁴ Ponto de umbanda